

O impacto da educação na carreira: cada ano de estudo acrescenta 15% ao salário

(Flávia Furlan Nunes)

InfoMoney

SÃO PAULO - Cada ano de estudo aumenta em 15,07% o salário do brasileiro, conforme revelou o estudo Você no Mercado de Trabalho, publicado nesta quinta-feira (9) pela FGV (Fundação Getúlio Vargas). As chances de ocupar uma vaga também aumentam à medida que se estuda, em 3,38% por ano, informou a Agência Brasil.

Uma pessoa sem nenhum estudo ganha em média R\$ 392,14 no Brasil, enquanto que aquela com 18 anos de estudo tem um rendimento médio de R\$ 4.454,69. Já a taxa de ocupação para o primeiro grupo é de 59,85%, enquanto entre aqueles com o maior número de estudos é de 90,73%, de acordo com os dados.

Para se ter uma idéia, os salários dos universitários pós-graduados são mais de seis vezes (544%) superiores aos dos analfabetos com as mesmas características sócio-demográficas. A chance de ocupação, por sua vez, é mais de cinco vezes (422%) maior.

Horas de trabalho

O salário por hora dos analfabetos é de R\$ 2,42, enquanto que daqueles com 18 anos de educação chega a ser de R\$ 27,31. Nem por isso os profissionais muito menos escolarizados trabalham menos: eles têm uma jornada semanal de 37,81 horas, ante 38,06 horas daqueles com o maior grau de formação.

A tabela abaixo detalha o nível de educação, a taxa de ocupação, salário, jornada semanal e o salário-hora:

Educação	Taxa de ocupação	Salário	Jornada semanal	Salário-hora
Analfabetos	59,85%	R\$ 392,14	37,81 horas	R\$ 2,42
Fundamental	63,62%	R\$ 604,22	40,38 horas	R\$ 3,49
Médio	68,44%	R\$ 847,41	41,35 horas	R\$ 4,78
Superior	78,69%	R\$ 1.728,15	38,11 horas	R\$ 10,58
Pós-graduação	86,39%	R\$ 3.469,40	39,13 horas	R\$ 20,69

Fonte: FGV

Satisfação com trabalho

O estudo ainda revelou que o pico de satisfação do profissional nos países das Américas coincide com o período onde as chances de ocupação e os salários são maiores. Ela sai de cerca de 10% aos 15 anos, atingindo um patamar de 50% em torno do final da juventude e se mantém neste patamar pelos próximos 25 anos quando, aos 54 anos, começa a declinar, voltando a atingir os patamares de 10% na fase final da vida.